

# UM PANTANAL DE MARIAS E MARRUÁS

Un Pantanal de Marías y Marruás

The Pantanal of Marias and Marruas

Mara Aline Ribeiro\*  
Icléia Albuquerque de Vargas\*\*

**Resumo:** A construção econômica, social e territorial do Pantanal tem na figura da mulher a representação da força e resistência do viver fronteiriço. Mesmo ocupando o papel de coadjuvante na história regional, sempre recolhida ou colocada à sombra dos homens, desde o início da ocupação por não-indígenas, a mulher protagoniza a produção do Pantanal. O objetivo do artigo é proporcionar visibilidade à mulher pantaneira como protagonista da vida no Pantanal. O texto conta com levantamento de memórias, entrevistas e relatos de mulheres. A análise está referenciada em preceitos da antropologia, da história e da geografia.

**Palavras-chave:** Mulher, Pantanal Sul, Protagonismo Feminino.

**Resumen:** La construcción económica, social y territorial del Pantanal tiene en la mujer la representación de la fuerza y resistencia en la frontera. Aunque ocupando un papel secundario en la historia, siempre retraída o colocada a la sombra de los hombres, desde el inicio de la ocupación por personas no indígenas, las mujeres protagonizan la producción del Pantanal. El objetivo del artículo es dar visibilidad a la mujer como protagonista de la vida en el Pantanal. El texto tiene retrospectivas de memorias, entrevistas y relatos de mujeres. El análisis se basa en la antropología, la historia y la geografía.

**Palabras clave:** Mujer, Pantanal Sur, Protagonismo Femenino.

## Introdução

Viver no Pantanal, independentemente da exuberância do lugar, significa mergulhar cotidianamente em uma paisagem aclamada por singularidades, mas também acompanhar-se da hostilidade de um ambiente pleno de surpresas que assombra a cada ciclo de cheias e vazantes. Representa vivenciar as ameaças dos grandes felinos, como, por exemplo, a temida onça pintada, ou das serpentes diversas que sempre impõem precaução. É também viver sob o risco das inundações, ou das queimadas que tudo consomem quando avançam aceleradamente pela planície pantaneira. Dores físicas provocadas pelos pesados fazeres cotidianos, temperadas com alguma dor de alma, como a melancolia da solidão, da saudade daqueles que permaneceram na distante cidade, podem se compor (e recompor) quando os sentidos mergulham na profusão de cores e sons da alvorada ou do entardecer que invadem aquele mundo exótico.

\* Doutora em Geografia, docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. E-mail: mara-aline.ribeiro@ufms.br.

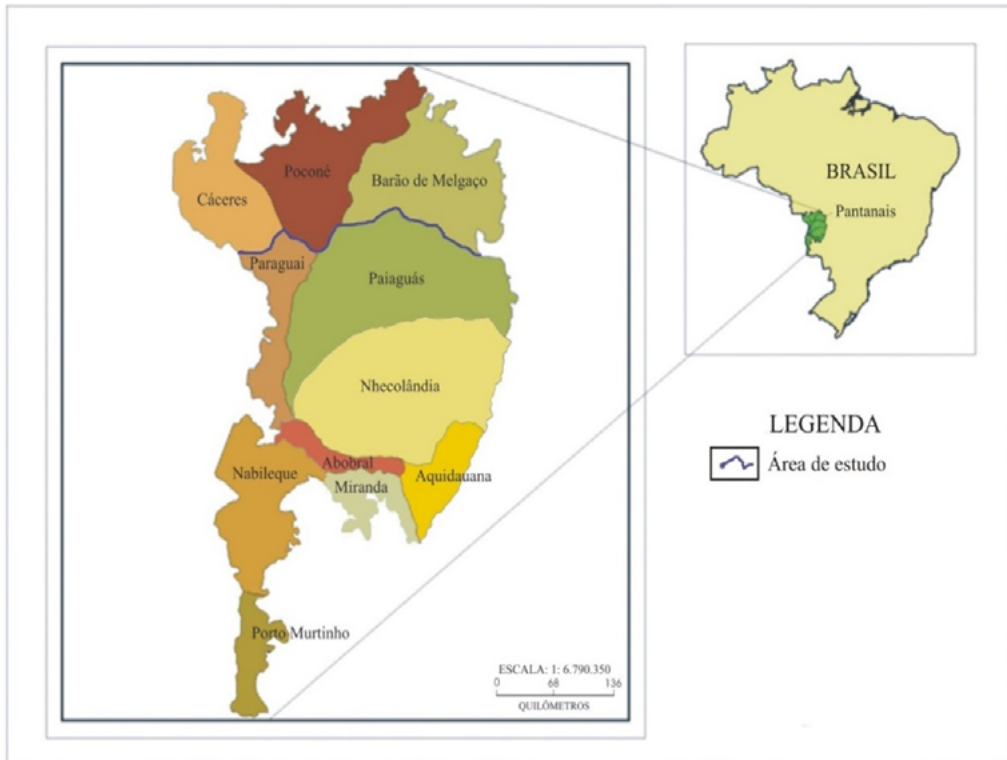
\*\* Doutora em Geografia, docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. E-mail: icleiavargas12@gmail.com.

**Abstract:** The economic, social, and territorial construction of the Pantanal has in the woman the representation of strength and resistance in the border. Even though they have played a supporting role in history, always withdrawn or placed in the shadow of men, since the beginning of the occupation by non-indigenous people, women have played a leading role in the Pantanal. The objective of this article is to give visibility to these women as the protagonists of life. The text has survey of memories, interviews, and women's accounts. The analysis is referenced in the anthropology, history, and geography.

**Keywords:** Woman, South Pantanal, Female Protagonism.

Entre as tarefas domésticas que envolvem os cuidados e gestão do lar e da família, assim como a lida cotidiana com os animais, as plantações, as coletas dos bens que a natureza dispõe, convivendo com as intempéries próprias do lugar, a mulher pantaneira apresenta-se como símbolo de força e resistência. Seja a ribeirinha ou a pecuarista, de diversas origens, raças e cores, todas precisam ser a representação máxima do feminino para desbravar os ambientes que compõem o bioma Pantanal, pelos 150 mil quilômetros quadrados (IBGE, 2020) da porção brasileira.

Neste texto cabe um estudo sobre a presença/ausência da mulher no Pantanal Sul (porção localizada em Mato Grosso do Sul), região que tradicionalmente vem sendo apresentada como ambiente desafiador, palco de aventuras, geralmente inóspito para os seres pouco dotados de coragem e espírito aguerrido. A Figura 01, apresenta a porção sul da área estudada juntamente com as sub-regiões.

**Figura 01** - O Pantanal Sul e as sub-regiões internas.

Fonte: Araújo (2009).

No cenário pantaneiro a mulher é praticamente invisível, ou ausente. Então, esta reflexão tem o propósito de fomentar a emersão do tema relativo à presença feminina no Pantanal. De certa forma, sentimo-nos inspiradas em Souza Santos (2002), quando defende uma sociologia das ausências para expandir o presente, de forma a possibilitar a emergência do objeto empírico, mesmo que este seja considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais. O interesse da vertente defendida pelo importante sociólogo seria transformar objetos impossíveis em possíveis, ausências em presenças. Assim, foi possível estabelecer como objetivo deste artigo, proporcionar visibilidade à mulher pantaneira como protagonista da vida no Pantanal.

Nesse contexto, a metodologia parte da experiência enquanto observadoras participantes que há décadas transitam por essas planuras com o propósito de conhecer suas gentes, territórios e paisagens, desenvolvendo pesquisas acadêmicas ou simplesmente fruindo dos múltiplos e atraentes ambientes. A pesquisa contou com treze entrevistas semiestruturadas, realizadas presencialmente e *on line*<sup>1</sup> entre

<sup>1</sup> A realização de entrevistas *online* se deve ao fato de que no ano de 2020 a Organização Mundial da Saúde – OMS, decretou estado de pandemia diante do avanço da covid-19. Dentre as medidas de

os anos de 2018 e 2021, resultantes de levantamentos produzidos pelas autoras, assim como depoimentos veiculados em trabalhos acadêmicos relacionados à presença da mulher no Pantanal. As interlocutoras são empregadas e patroas das fazendas e do turismo, que vivem e produzem nas propriedades que margeiam a Estrada-Parque Pantanal. Durante os encontros/conversas, as entrevistadas se sentiram livres para relatar sobre questões do feminino sem estarem limitadas às perguntas diretas e objetivas, tanto que, inclusive, os nomes aqui postos são fictícios, a fim de preservar as identidades das mesmas. Foram feitos levantamentos de produções acadêmicas sobre o tema, tanto em relação à mulher pantaneira, quanto a questão de gênero.

A análise, de cunho qualitativo foi inspirada em técnicas da história de vida, ocasião em que os dados são relatados na pesquisa a partir da reprodução de algumas falas das entrevistadas. O referencial teórico está voltado para as ciências da vertente humanístico-cultural, permeadas por saberes, como a antropologia, a geografia, a história, a sociologia, dentre outras, respaldadas teoricamente em autores/as que pesquisam as especificidades locais.

As experiências no(s) Pantanal(is) permitiram o convívio com dezenas de mulheres pantaneiras, entretanto, não as localizávamos nos livros, nem nos noticiários, ou nas músicas e poesias, com exceção para a célebre personagem Juma Marruá, a emblemática mulher-onça que nos sinaliza uma lógica bizarra: para ser mulher no Pantanal é preciso ser onça! Diante disso, muitas indagações sempre afloraram, tais como: “Como é ser mulher no Pantanal?”, “Qual o papel da mulher na vida local?”, “Onde estão as mulheres do Pantanal?”

As inquietações em relação às ausências das *Marias*<sup>2</sup> do Pantanal foi brotando, como a vegetação brota na grande planície após cada grande cheia, ou grande queimada. A imagem da mulher sempre estava e, em determinados locais assim se mantém, sombreada, entremeada pela cortina que separa a cozinha dos outros cômodos das casas ou das pousadas, nos serviços domésticos, nos cuidados com as crianças e idosos/as, evidenciando os corpos masculinos como representantes do convívio social, seja na sala, na varanda, na rede, no galpão, na roda de tereré, no jogo de futebol, nos bares da estrada, dentre outros ambientes.

Durante os longos anos de vivência acadêmica no Pantanal, foi possível observar que o comportamento feminino é extremamente reservado, de acentuada timidez e discrição, onde a mulher transfere integralmente o protagonismo ao homem, independente da função ocupada, seja ele peão, patrão, guia de turismo

biossegurança propostas para contenção da proliferação do vírus, o distanciamento social está entre as mais importantes, impossibilitando as imersões à campo no referido período.

<sup>2</sup> Adotamos o nome “*Maria*” para designar as diversas mulheres pantaneiras.

ou empresário da hotelaria. A fala transcrita de uma entrevista realizada em 2019, referencia a posição de coadjuvante da mulher pantaneira, onde o poder de decisão, mesmo que tardia é atribuída ao homem, “Eu deixo para o Zé resolver, ele até enrola um pouco, mas depois decide”.

A ausência-presença feminina no Pantanal instiga a pesquisa na área delimitada espacialmente, ao se reportar à um depoimento, dotado de muito saber especializado, ao descrever o espaço vivido:

**Minha avó me ensinava e fazia tudo, né?** (...) O peixe só desova se chover, cria ova nova, se não chove ele seca a ova na barriga, ele “num” produz. O pacu, peixe de escama, solta desovando a ova, ele vai andando, viajando, desovando aquela ova. O pintado para, peixe liso para (VARGAS, 2009, p. 216) (grifos nossos).

Junto com esse depoimento emergem muitas memórias de convivência com a avó pantaneira. Isso reforça a convicção a respeito da necessidade de se olhar com maior atenção aos feitos dessas mulheres do/no Pantanal, *Marias* corajosas e destemidas, que durante suas vidas se esmeraram em construir realidades mais harmoniosas para todos.

## As *Marias* do Pantanal

A cartografia social do Pantanal também é desenhada por mãos de mulheres indígenas como, por exemplo, Arlete, Rosa, Jandira, Dora, as *Marias Índias*, reais representantes das etnias Terena, Kadiwéu, Guató que compõem a porção Sul do Pantanal.

Há mais de 200 anos, quando se deu o início da ocupação do Pantanal por não-indígenas, outras *Marias* ingressaram no Pantanal, as Genis, Cidas, Tânicas, Lúcias, Nicas, Veras... Todas essas *Marias* representam as mulheres invisíveis, uma espécie de super-heroínas que projetaram o Pantanal, tornando-o visível aos olhos do mundo e do mercado mundial, ou seja, ultrapassando fronteiras em suas mais diversas concepções.

São cozinheiras, curandeiras, parteiras, pecuaristas, professoras, camareiras, tratoristas, barqueiras, comerciantes, autônomas, pescadoras, isqueiras<sup>3</sup>, sendo praticamente anônimas, muitas vezes invisibilizadas pelos nomes/sobrenomes dos pais ou dos maridos, coadjuvantes nominadas de: “Maria do Pedro”, “Cida do Antônio”, “Lúcia do Zé”, “Ana do João”, “Geni do Cristóvão”.

Em um Pantanal transfronteiriço, ao delimitar o território com a Bolívia e o Paraguai, se configuram fronteiras pudes de contrastes e contradições, o feminino

<sup>3</sup> Catadoras de iscas para pesca.

resplandece a cada transcurso de estação e, entre fazendas, pousadas turísticas, pequenos comércios, escolas, as *Marias* organizam e reorganizam o território pantaneiro, com sabedoria, discricção, obstinação, entusiasmo, força e, muitas vezes, submissão. Na imensidão das águas dos rios da Bacia do Alto Paraguai

As fronteiras passam a ser entendidas como escalas relacionais de classe, raça e gênero que podem ser vivenciadas independentemente dos deslocamentos migratórios. Fronteiras, nesse registro, são compreendidas enquanto parte das experiências que constituem os sujeitos, e seus atravessamentos apenas podem ser analisados relacionalmente (PADOVANI; NAVIA; MUELLE, 2020, p.14).

Logo, é justamente na dinâmica fronteira do bioma Pantanal que procuraremos responder às perguntas explicitadas na introdução, objetivamos, com este artigo, apresentar o *Pantanal das Marias* a partir de relatos de mulheres pantaneiras.

A contextualização dos enredos apresentados conta com a memória enquanto categoria de análise que resgata e imprime na sociedade a importância do pensar coletivo como resultado de um determinado momento histórico e social. As memórias coletivas e individuais constroem os fatos sociais e o sentimento de pertença a um determinado grupo. As nostálgicas imagens do passado reconstróem um viver permeado de lembranças, as quais, independentemente de serem boas ou ruins, existem.

Para fazer uma recuperação histórica da função social das *Marias* do Pantanal é importante compreender a valoração da memória nessa construção.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acomete porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Acreditamos que um dos trabalhos pioneiros sobre a presença ativa da mulher no Pantanal Sul seja a dissertação de mestrado de Belkisse Corrêa Gomes, apresentada em 1997 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS<sup>4</sup>. Também de origem pantaneira, a autora propôs-se a desvelar o papel da mulher da região da Nhecolândia, nas décadas de 1920 a 1940, a partir das memórias de algumas mulheres pantaneiras, destacando as relações de gênero e educação “através de suas representações sociais, resgatando, no conjunto, a memória social” (GOMES, 1997, p. 13). A pesquisa iniciou em meados da década de 1990, entrevistando 10 mulheres idosas com idades entre 70 e 89 anos. Todas as entrevistadas haviam constituído famílias por meio de casamento, geralmente precoce, e tiveram filhos, algumas detendo numerosa prole, destacando uma com 18 filhos.

<sup>4</sup> Dissertação desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da FAED/UFMS.

A escolaridade da maioria havia sido insipiente, tendo sido classificadas quatro como semianalfabetas, cinco terem cursado até o antigo primário e apenas uma tendo chegado ao 1º ano do antigo Curso Comercial (equivalente ao ensino médio profissionalizante). Outra importante observação apontada é que todas, independentemente da situação econômica, gostavam de ser identificadas como “Filha de ...”, pois, segundo a autora, “é a forma como essas mulheres identificam-se, posicionam-se e manifestam-se” (GOMES, 1997, p. 73).

Entre essas representantes do universo feminino do Pantanal Sul das décadas de 1920 e 1940 o trabalho infantil foi frequente, desde cedo, em alguns casos a partir de 6 anos de idade assumiam trabalhos tradicionalmente destinados às mulheres. A jornada diária iniciava ainda na madrugada e envolvia os cuidados com a casa e seu entorno, com as plantas e os animais de criação e, ainda, com os irmãos/ãs menores. Apesar de a tradição tratar como papel masculino, algumas meninas desenvolviam, ainda, a função de “curradeiras”, acompanhando seus pais na lida com o gado bovino.

A autora enfoca a pesquisa na Nhecolândia, uma destacada região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, que recebeu este nome em homenagem ao Nheco, apelido de Joaquim Eugênio Gomes da Silva, desbravador dessa região, que ali se instalou logo após o fim da Guerra com o Paraguai. Nheco era filho do Barão de Vila Maria, “senhor de grandes propriedades que se estendiam desde as montanhas de Urucum até as terras baixas dos pantanais” (GOMES, 1997, p. 44). Após a morte do pai e finda a grande Guerra, em 1880, Nheco decidiu refundar a Fazenda Firme, e segue em longa viagem desde a Vila Nossa Senhora do Livramento (próximo à cidade de Cuiabá), acompanhado da esposa - Maria das Mercês, um filho recém-nascido e três “bugres”, em um batelão<sup>5</sup>. Perceber-se mulher em meio ao desconhecido, ao inóspito, é como voltar no tempo para conhecer a saga de Maria das Mercês, conhecida por Chechê, uma das poucas personagens retratadas em textos de memorialistas, como o faz Proença (1997) relatando as aventuras da viagem ocorrida em 1880.

Nesse universo, elencamos as *Marias* envolvidas com a educação, o casamento, a maternidade, o turismo, a pecuária, a curanderia, dentre as muitas e várias *Marias* que organizam e reorganizam o viver pantaneiro cotidianamente.

### *As Marias da Educação: entre a mãe e a professora*

Com o passar do tempo a fazenda Firme se estruturou como uma referência no Pantanal e o Seu Nheco iniciou o processo de demarcações fundiárias, consti-

<sup>5</sup> Embarcação grande, com capacidade para 10 pessoas e para transportar carga.

tuindo as fazendas, as quais demandavam mão de obra para a lida com o gado. Assim, foi aumentando o número de pessoas que chegavam à região conhecida hoje como Pantanal da Nhecolândia.

Os/as empregados/as das fazendas começaram a formar pequenas vilas, construíram as próprias casas em terras do patrão, dando início a constituição dos núcleos familiares, a partir dos casamentos institucionalizados ou de casais estabeleceram relações maritais, no Pantanal “[...] temos a família como um papel central nesta trama das relações sociais” (LEITE, 2019, p. 392).

As moças e os rapazes iniciavam a vida conjugal muito jovens, em média antes dos 20 anos para os homens e dos 15 anos para as mulheres, assim, a maternidade nos primeiros anos da vida adulta era uma consequência dos casamentos realizados prematuramente, considerando os dias atuais. A formação precoce das famílias era praticada tanto pelos/as patrões/oas como para os/as empregados/as, como uma prática comum, independente do poder aquisitivo.

Nesse contexto, os pais e as mães contavam com crianças que precisavam ser alfabetizadas, nesse momento, inicia o protagonismo da *Maria Professora*, que também exerce o papel de *Maria Mãe*, personagem fundamental nos rumos da educação de um Pantanal em formação, sem escolas, onde os/as filhos/as dos patrões e dos/as empregados/as eram alfabetizados pela patroa.

A obrigatoriedade do ensino para as crianças em idade escolar no Brasil data da segunda metade do século passado<sup>6</sup>. As crianças pantaneiras, até então, quando possível, eram alfabetizadas nas fazendas, sem perspectiva de continuidade dos estudos em uma escola regular (RIBEIRO, 2015, p. 149).

Ao recorrer às lembranças, uma entrevistada conta da aprendizagem das primeiras letras na fazenda:

A mulher do patrão era a professora, dava aula para uns trinta alunos, os filhos [da patroa] estudavam junto com os filhos dos peões. Depois foi mudando, eles começaram a levar professoras para trabalhar lá, depois começaram aquelas escolinhas. Foi mudando. Hoje tá<sup>7</sup> bem diferente (Depoimento disposto em RIBEIRO, 2015, p. 149).

Além disso, a educação escolar era, preferencialmente, para os meninos, conforme relato concedido às autoras: “As crianças estudavam na fazenda, quando sabiam ler o pai mandava *pra* cidade, só os homens, as mulheres não precisavam estudar. Então poucos estudavam, a maior parte era de analfabeto”.

<sup>6</sup> Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB foi complementada e o ensino passou a ser obrigatório dos sete aos quatorze anos. A lei prevê um currículo comum para o primeiro e segundo grau e uma parte diversificada em função das diferenças regionais. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/>> Acesso em: out. 2020.

<sup>7</sup> As falas das entrevistadas foram transcritas literalmente.



Gomes (1997) destaca que educação era privilégio para algumas mulheres. Como praticamente inexistiam escolas nas fazendas pantaneiras, a opção era enviar os/as filhos/as para a cidade mais próxima, sob os cuidados de algum parente a se responsabilizar pela acolhida das crianças, ou enviá-las para uma escola que oferecesse o regime de internato. Durante a primeira metade do século XX havia internatos nas cidades de Corumbá, Campo Grande, Aquidauana e Cuiabá. A maioria dessas instituições se tratava de escolas confessionais, sendo que aquelas que aceitavam meninas também poderiam servir de porta de entrada para a carreira religiosa, ou seja, a menina interna poderia se preparar para se tornar freira.

A categoria educação para as gentes pantaneiras tem um peso representativo porque as pessoas partem da prerrogativa que os estudos são a única oportunidade para uma “vida melhor”, em comparação ao árduo trabalho das famílias que dedicam a vida inteira de seus membros **à lida com o gado** e seus meandros. Segundo a antropóloga Claudia Fonseca, “Para os grupos populares o conceito de família está ancorado nas atividades domésticas do dia-a-dia e nas redes de ajuda mútua” (FONSECA, 2005, p. 51).

O ato de transferência dos/as filhos/as para a cidade era permeado por muito sofrimento para a família. Nesse momento, as “*Marias Mães*” que até então viviam com as crianças nas fazendas começaram a ter a experiência da chamada síndrome do ninho vazio. Diante da obrigatoriedade do ensino, as crianças precisavam ir para a cidade estudar, seja para morarem com parentes (avós, tios/as, comadres) ou na casa dos patrões/oas. Em casos excepcionais, a mãe precisava se mudar para a cidade, juntamente com a prole, em busca das escolas. Essas transformações **provocadas pelo acesso à educação formal**, de certa forma provocaram impactos sociais representativos na ordem familiar pantaneira, muitas vezes resultando em baixo rendimento escolar, abandono do emprego nas fazendas, separação de casais, vulnerabilidade econômica, evasão escolar, dentre outros.

Na memória de uma entrevista está registrada a saga da separação da família para acompanhamento dos estudos dos/as filhos/as:

Eles estavam a ponto de separar, a mulher *tava* na cidade e o homem *tava* na fazenda. A cada 15 ou 20 dias vinha *pra* cidade, aí *começa* o ciúme e há um atrito, porque a mulher é obrigada a ficar na cidade porque tem filho pequeno. Mas abre espaço, abre uma brecha *pra* ela encontrar novas alternativas e o camarada que fica na fazenda, também tem alternativa.

Progressivamente, a partir da promulgação da LDB, os proprietários de terras perceberam as dificuldades de adaptação dos peões ao novo ordenamento jurídico da educação e, para não perderem os chamados “peão bão”, buscaram alternativas para o ensino nas fazendas. Assim, a partir de convênios de cooperação mútua

com as prefeituras das cidades do Pantanal e em um sistema de cooperativa entre os fazendeiros, foram instaladas algumas escolas, conhecidas por Escolas Pantaneiras, sediadas ou em fazendas, ou em comunidades, para atender à demanda em idade escolar sem que a criança ou a família precisassem se deslocar para a cidade, conforme a Figura 02 reporta à Escola Municipal Rural Luiz de Albuquerque, quando estava sediada na Base de Estudos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, a qual atende a comunidade ribeirinha Passo do Lontra, além de famílias residentes ao longo da Estrada-parque Pantanal e da BR-262.

**Figura 02** – Escola da Comunidade do Passo da Lontra.



Fonte: RIBEIRO, M. A. (2018).

É importante considerar o caráter econômico dessa pseudo preocupação com a educação, a perda de um bom funcionário, com experiência na lida com o gado pantaneiro, ou com a atividade turística, juntamente com a mulher e os/as filhos/as que, também, trabalhavam na fazenda ou na pousada em um formato de ajudantes, sem remuneração mensal fixa, representava um ônus maior do que a construção e manutenção de uma escola com o apoio das prefeituras locais e, como recompensa, os patrões recebiam os eternos agradecimentos dos/as empregados/as. Além disso, a propriedade que sedia uma escola também é beneficiada com o reconhecimento social, além de poder utilizar isso como fator promocional, de *marketing*, sobretudo quando se tratar também de empreendimento turístico.

Nas últimas décadas do século XX as escolas de formação técnica em regime de internato, como, por exemplo, a Escola da Fundação Bradesco, atraíram uma infinidade de adolescentes e jovens interessados em continuar os estudos, sobretudo, de qualificação para o trabalho no campo. Uma pecuarista garante que “Estamos conseguindo levar os filhos dos nossos funcionários, Graças à Deus, para a escola, isso é muito importante. Meu capataz teve os três filhos na Fundação Bradesco, agora já formaram”.

Piatti & Urt (2014) analisaram algumas narrativas de professoras atuantes em escolas pantaneiras que acolhem crianças em regime de semi-internato no Pantanal. Destacam as atuações de algumas professoras em que apresentam múltipla diversidade de papéis representativos da profissão docente.

Trabalhei em muitas escolas urbanas, mas adoro a pantaneira. Aqui é diferente, podemos colaborar mais com as crianças. Elas são especiais. Meu trabalho aqui é especial, por isso, sempre opto por trabalhar aqui, por essas crianças e por esses pais e também pela escola. Aqui tudo é valorizado. Até mesmo um sorriso da professora. É essa valorização que faz a gente tocar em frente com prazer. A escola é a grande oportunidade dos alunos de crescer além do que tem aqui. Aprender a conhecer o mundo, não o mundo, mas o mundo das letras que é fantástico. Me sinto a mãe que acolhe, a professora que ensina e ao mesmo tempo mostra caminhos a seguir para a vida [...] (PIATTI; URT, 2014, p. 475).

As autoras destacam a importância da análise que as professoras fazem de sua atuação profissional e das relações sociais estabelecidas no exercício do magistério, de viver vários papéis, como, por exemplo, de colega, de mãe, de professora, dentre outros. Ressaltam a importância dessa interatividade que favorece o processo de transformação e formação da identidade de professora na escola pantaneira.

O avanço da ciência e da tecnologia, calcado no processo de globalização e de extensão da rede de energia elétrica em parte do Pantanal, com cobertura da internet, possibilitou a continuidade dos estudos dos/as jovens que voltaram para o trabalho nas fazendas, assolados/as pelo desemprego estrutural das cidades. Atualmente, pode-se observar jovens e adultos/as que fazem cursos superiores ou tecnológicos na modalidade a distância.

Se tradicionalmente a educação brasileira apresenta muitas fragilidades estruturais, ao tratar da educação em ambiente rural os problemas se maximizam e alunos/as, professoras/as e familiares se reinventam para sustentar a expectativa de que os estudos são a oportunidade de um viver melhor.

## *Marias Indígenas: as mulheres curandeiras*

A ocupação do Pantanal por não-indígenas, foi construída com base em conflitos entre os povos nativos e os não-indígenas recém-chegados. Em meio às mortes e conquistas em um ambiente hostil e violento, coube às mulheres a missão de manutenção da saúde e sobrevivência das famílias. O conhecimento medicinal das *Marias Indígenas* salvou diversas vidas, sendo transmitido por muitas gerações.

Entre as mulheres (**indígenas**), a produção da tríade (**remédio, comida e reza**) é realizada com frequência e controlada pelo feminino, não que os homens não usufruam deste conhecimento, mas aqui reitero o interesse sobre a perspectiva feminina na temática. As receitas medicinais de “remédios do mato” são circuladas com frequência entre as mulheres indígenas, bem como a preocupação com a intervenção das agências, de forma direta na vida das mulheres, como os partos hospitalizantes (SERAGUZA, p. 166, 2013), (grifo das autoras).

Assim, podemos pensar nas “*Marias Curandeiras*”, conhecedoras das ervas que curam quaisquer males, da dor de barriga à picada da jararaca, praticantes de saberes seculares que, ainda hoje o viver urbano resgata, como, por exemplo, as terapias com florais, os chás, as infusões, as ervas.

A precariedade da saúde no então estado de Mato Grosso uno e a dificuldade de transporte no Pantanal, sobretudo em períodos de cheias, faziam com que as enfermidades fossem tratadas no próprio local, inclusive, se praticava o que atualmente é conhecida por “medicina preventiva”, em um formato de saber que se retroalimenta para se manter vivo, conforme o relato das memórias de uma entrevistada:

Minha mãe dava pra gente banha de capivara com mel de abelha e acontecia uma reação. Como é muito forte os dois, nos *primeiro dia* dava até diarreia, nas primeiras semanas *estóra*, nas crianças, um monte de feridas no corpo todo, aquilo inflama e fica uma aguinha saindo, aquilo fica horrível, depois sara, em uma semana cicatriza tudo. Se você *sofrê* um corte, qualquer coisa, em três *dia tá* cicatrizado, é tipo uma vacina. É o princípio da vacina (RIBEIRO, 2015, p. 94).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da comunicação, os chamados “remédios do mato” começaram a compartilhar o interesse das gentes pantaneiras com os medicamentos industrializados, denominados de “remédios de farmácia”.

Os chás e garrafadas<sup>8</sup> não são comprovados cientificamente e, progressivamente, perderam espaço no cotidiano pantaneiro para os remédios industrializados, levados pelos turistas ou pelas equipes médicas ao atenderem periodicamente as gentes pantaneiras (RIBEIRO, 2015, p. 95).

<sup>8</sup> Solução produzida artesanalmente com ervas medicinais.

Nas últimas décadas as farmácias e drogarias proliferaram nas cidades e expandiram o alcance para o campo, além disso, no pequeno comércio das comunidades pantaneiras é possível comprar medicamentos não controlados. “A extensão do alcance da rede de telefonia celular também facilitou a aquisição de medicamentos industrializados” (RIBEIRO, 2015, p. 97).

Em entrevista, uma trabalhadora rural relata que encomendou medicamento comercial, via celular, e resolveu o problema de saúde:

Liguei *pro* meu guri na cidade: ‘Vai lá na farmácia, explica que você *qué* um xarope pra pessoa fumante’. Aí explicou lá prá dona da farmácia. Ela mandou dois *xarope*. Mas foi tirar com a mão. Aí acabou os dois *vidro* de remédio, ele ficou uns dez dia tomando aquilo e sarou.

Os chazinhos e garrafadas elaborados com plantas ditas medicinais, não condizem com os hábitos urbanos, em processo de representação no Pantanal, sobretudo, com o início da atividade turística.

O medicamento transformado em mercadoria industrializada tem comprovação científica em contraponto às ervas caseiras. Trata-se da primazia da ciência, na qual o conhecimento científico e o lucro comandam o mercado em escala global (RIBEIRO, 2015, p. 97).

Assim, os saberes medicinais, das curandeiras, das benzedeadas, das parteiras, das *Marias* que curam se reproduzem na região de formas diferenciadas e condizentes com o momento histórico e social posto.

### *Marias do Turismo*

A partir da década de 1980 o Pantanal passou por um processo de reorganização fundiária, promovido pela crise da pecuária e outros fatores mundiais, e precisava de alternativas econômicas para manutenção no mercado mundial. Nesse período se iniciou a atividade turística em terras pantaneiras, inserindo novas “*Marias*” na dinâmica local, são as roteiristas, camareiras, cozinheiras,isqueiras, diaristas, monitoras ambientais, motoristas, dentre outras. Inicialmente, o trabalho das mulheres estava atrelado aos afazeres domésticos nas pousadas, gradativamente, foram ocupando os cargos administrativos e as funções tipicamente masculinas.

O setor de Turismo é voltado para a prestação de serviços, os quais tem a finalidade de bem receber os turistas, oferecendo: hospedagem, alimentação, lazer, entre outros. Muitas vezes, estes serviços são relacionados às mulheres, por estarem ligados ao trabalho reprodutivo. Assim, as mulheres estão inseridas [...] em outros serviços que não estão relacionados ao comando e a boa remuneração (ARAÚJO, 2015, p. 117).

Nas especificidades da atividade turística no Pantanal, as pousadas instaladas nas fazendas costumam contratar o casal e dividir as funções, conforme depoimento concedido às autoras.

Na fazenda Aroeira<sup>9</sup>, a mulher que cuida da pousada é esposa do capataz. Hoje a mulher desse capataz ela comanda, faz um receptivo maravilhoso, todo mundo gosta, sabe se vestir bem. Ela sabe ler e escrever, o meu filho ensinou a usar o computador, eles conversam via internet.

Na fala acima, se observa que, mesmo com enaltecimentos às qualidades profissionais da mulher contratada, o tempo todo a pessoa entrevistada se refere à “mulher do capataz”, em uma espécie de valoração ao masculino e da condição de casada. Porém, “é crescente a contratação de mulheres chefes de família, que têm sob sua tutela filhos e/ou netos. São mulheres solteiras provedoras da família, cuja força de trabalho é essencial para o sustento da família na cidade (THOMÉ, 2018, p. 138).

Para uma gerente de pousada no Pantanal, em entrevista, o trabalho com o turismo requer dedicação e empenho, sobretudo, “quando a gente é mulher”:

Eu gosto de trabalhar aqui, você conhece pessoas do mundo inteiro e vários tipos de cultura, tem a possibilidade de ampliar seus horizontes. [...] a cidade que eu moro [...] ficou inviável trabalhar, não tem emprego, eu fiquei cinco meses desempregada eu não posso, tenho dois filhos moro com minha mãe, tenho que dividir as despesas com ela. Aí apareceu essa oportunidade, mas não ficaria aqui se eu não gostasse, mesmo precisando. Aqui também é muito difícil por causa das crianças<sup>10</sup>, soffro até hoje.

As mulheres estão conquistando mais espaço na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, se inserindo nos novos postos de trabalho em decorrência da necessidade de subsistência. A despeito de estarem galgando “vagas” masculinas e ocupando-as com maestria, no Pantanal as diferenças salariais entre homens e mulheres mantém a mesma engrenagem dos ambientes urbanos.

As *Marias do Turismo* são profissionais qualificadas para o exercício das funções, elas fazem cursos de qualificação profissional, promovido pelo Sistema S (Sebrae, Senac) ou pelos/as empresários/as do turismo, se comunicam em outras línguas, aproveitam a oportunidade do ensino a distância para finalizarem o ensino regular e fazem curso superior na modalidade de distância - EAD de administração, administração rural, licenciaturas, economia, dentre outros.

A presença das empresárias do turismo, proprietárias de pousadas, hotéis-fazendas, barcos-hotéis remodelaram o sentido da “patroa”, pois essas são mulheres

<sup>9</sup> Nome fictício para reservar a identidade da pessoa entrevistada.

<sup>10</sup> As crianças da gerente moram da cidade com a avó materna.

que trabalham, praticamente, em nível de igualdade com as “empregadas”, guardadas as condições hierárquicas, conforme relata em entrevista, a proprietária de uma pousada na Estrada-parque Pantanal: “Muitas não têm qualificação, somos nós quem treinamos, quantas vezes eu entrei na cozinha para explicar como faz. As arrumadeiras, também, sou eu quem ensina, quem treina”.

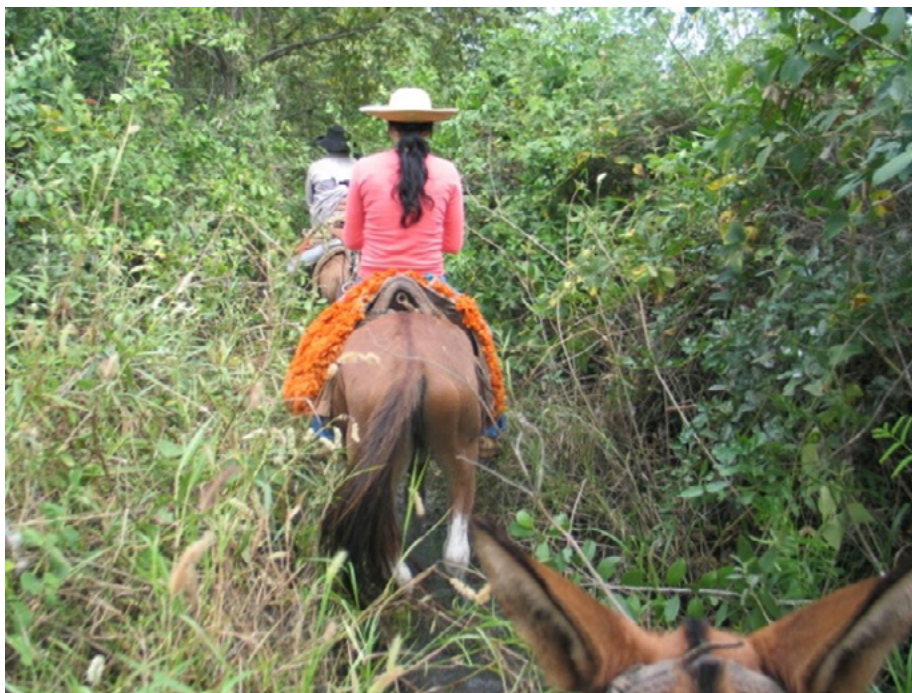
Na dinâmica pantaneira voltada ao turismo, o trabalho dessas mulheres se caracteriza pela rotatividade do emprego, considerando os períodos de baixa temporada e da piracema, quando, em alguns casos, a mulher precisa ir para a cidade em busca de complementação de renda para a família, exercendo atividades domésticas como diaristas ou mensalistas, até que possam retornar ao Pantanal juntamente com a nova temporada de turismo.

### Algumas considerações

Então, quem são as *Marias do Pantanal*? Independente do poder aquisitivo, são provedoras das famílias, chefes de comitivas, esposas, companheiras, cuidadoras dos/as filhos/as, empresárias do turismo, cozinheiras, pecuaristas que, entre o amanhecer e o anoitecer, trabalham, acalentam os/as filhos/as, ajudam as vizinhas, as comadres e se postam mulheres belas e convictas do seu papel de protagonista da manutenção dos produtos pantaneiros no mercado internacional, dinamizando a economia local e exercendo a relevante função de dar luz à maior planície alagada do mundo. Assim, é possível apontar que as *Marias* do Pantanal estão em todos os lugares, exercendo os mais distintos e importantes papéis na permanência da região dentro da engrenagem social e econômica mundial, se colocando como a real definição de protagonistas da história pantaneira.

No ano de 2020 o Pantanal ardeu em chamas, assolado por uma seca extrema e prolongada, com comprometimento da fauna e da flora e, conseqüentemente, do produto pantaneiro, junta-se ao fenômeno da natureza às ações criminosas de queimadas em meio ao planeta tomado pela pandemia da covid-19 que atingiu as gentes pantaneiras com crueldade, considerando a precariedade e o estado de vulnerabilidade econômica e social que vivem mulheres, homens e crianças que constroem, cotidianamente, o Pantanal.

**Figura 03** – *Maria Pantaneira* em lida no campo.



Fonte: BRUM, E. (2015).

Para fechar o artigo, ilustramos com a imagem de uma *Maria Peoa*, ou simplesmente uma *Maria Pantaneira* (Figura 03). E, ainda com o propósito de fomentar reflexões sobre a presença feminina ausente na paisagem pantaneira, parodiamos Vargas (2009) e ressaltamos a avó do pescador que a ele tudo ensinava, assim como todas as nossas avós pantaneiras, presenças marcantes em nossas memórias de meninas assustadas com os “causos” de assombrações, narrativas simbólicas que muito auxiliaram nossas compreensões sobre o Pantanal, suas gentes, em especial, suas mulheres. E resta-nos a certeza, para ser mulher no Pantanal é preciso ser onça!

## Referências

- ARAÚJO, A. P. C. Do espaço vivido ao sonho construído: identidade territorial e turismo na estrada parque Pantanal (MS). *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas-MS*, n. 9, Ano 6, maio 2009.
- ARAÚJO, C. F. S. A dupla jornada de mulheres inseridas no mercado de trabalho turístico em Aracaju/SE. *Revista Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 01, 2015.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 50-59, maio/ago. 2005.



- GOMES, B. C. **“Retrato” de mulheres “pantaneiras” nas décadas de 20 a 40: “molduras” em educação e gênero.** 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.
- NICHNIG, C. R.; LEITE, E. F. A flor da Guavira: contribuições para uma história das mulheres pantaneiras. **Revista de História**, João Pessoa, v. 24, n. 41, p. 389-407, jul./dez. 2019.
- PADOVANI, N. C.; NAVIA, A. F.; MUELLE, C. E. Mobilidades e fronteiras: perspectivas antropológicas feministas para uma mirada interseccional. **Vivência, Revista de Antropologia**, v. 56, p. 13-20, 2020.
- PIATTI, C. B., URT, S. da C. As narrativas nas pesquisas em educação: questões que suscitam. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 14, n. 3, set-dez. 2014.
- PROENÇA, C. A. **Pantanal: gente, tradição e história.** 3. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 1997.
- RIBEIRO, M. A. **Entre cheias e vazantes: a produção de geografias no Pantanal.** Campo Grande: EdUFMS, 2015.
- SERAGUZA, L. **Cosmos, corpos e mulheres kaiowa e guarani de Aña à Kuña.** 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.
- SILVA, J. M.; CHIMIN JUNIOR, A. B.; PERACETTA FILHO, E.; ROSSI, R. Geografia e gênero no Brasil: uma análise da feminização do campo científico. **Ateliê Geográfico**, v. 3, n. 2, p. 38-62, 2009.
- SOUZA SANTOS, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, out. 2002.
- THOMÉ, P. A mulher pantaneira e sua relação de trabalho com o turismo. **Revista Entre Lugares**, v. 9, n. 18, p. 126-149, 2018.
- VARGAS, I. A. **Porteiras assombradas do paraíso.** Embates da sustentabilidade socioambiental no Pantanal. Campo Grande: EdUFMS, 2009.